

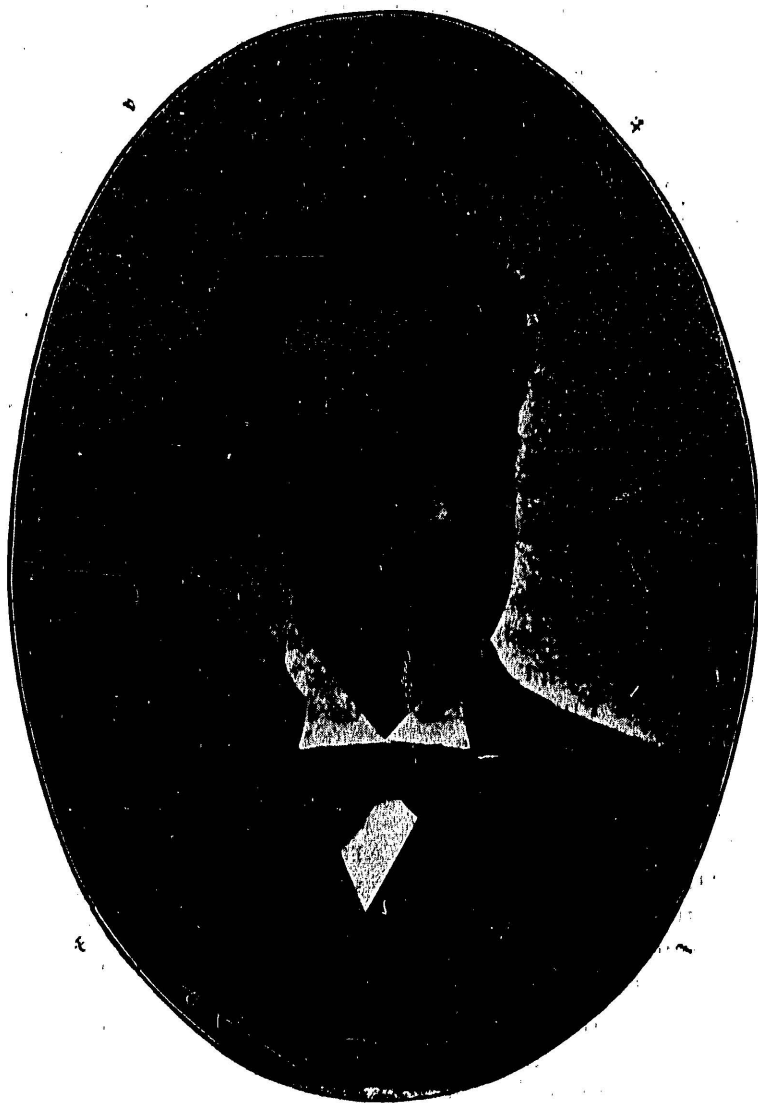


2.^a Quinzena de NOVEMBRO

N.º 4 — 1.º ANNO — 1911

Director, proprietario e editor—João Agostinho Landoll

Para a historia da Povoá



ROCHA PEIXOTO

(Copia d'um eliché directo)

Para este, que amou a luz, que adorou a Verdade e passou n'esta vida como um astro que na carreira vertiginosa da sua queda se perde, para sempre, «nos confins siderios do Infinito», iria eu, pelo fundo do mar, aos coraes e ás perolas, para lhe erguer um molesto mas significativo sarcóphago onde lhe guardasse o cerebro com a mesma fé e a mesma crença como os

homens costumam guardar a Hostia sacrosanta adentro d'um relicario d'oiro.

Explorou o dolmen, procurou o sílex, penetrou na sepultura romana, percorreu todos os reconditos das sciencias naturaes, e no fuste ou na sívula, no ornato ou na moeda, elle viu a sociedade atravez dos seculos, na noite dos tempos, e tanto lia no craneo do homem pre-historico, como

A „Povoia de Varzim”

sabia pelo fragmento de ceramica a idade e o povo a que remontava as origens d'uma civilisação extincta.

Começou pela classificação das conchas e acabou pela reunião do precioso espolio que ia arrecadando no Museu Municipal do Porto.

Fundou a «Sociedade Carlos Ribeiro» onde a sciencia compendiou uma infinidade de assumptos, e quando morreu deixava ao paiz a «Portvgalia», a primeira revista que no paiz conseguiu recolher mais importantissimos materiaes e no estrangeiro mais subido ergueu nas Academias o nome da antiga Lusitania.

Sem nunca ter roçado pela nojentissima politica que tanto avilta e deprime, foi Director do Museu de Mineralogia da Academia Politechnica do Porto, Professor da Escola Industrial Infante D. Henrique, Director do Museu Municipal e Director da Bibliotheca Publica Portuense.

No seu paiz foi uma auctoridade scientifica e no estrangeiro era considerado um sabio.

Quando o acaso, no prolongamento da rua dos Banhos, proporcionou achar as fundações d'uma povoação romana, encarregou o sr. conselheiro José Fortes de escrever os «*Restos de uma villa lusitano-romana*»;—quando lhe participei que na reconstrução d'um moinho, no monte de S. Felix, tinham apparecido uns brincos dentro d'um púcaro, encarregou o sr. Ricardo Severo de escrever «*O thesouro de Laundos*, e, fazendo-se algumas escavações, transportou as caveiras d'um necrotério que lá havia, cujo estudo ainda não veio á luz da publicidade;—conseguindo varios subsidios e a franca coadjuvação de acri-solados patriotas, realison as grandes descobertas da *Cividade de Terroso*, e sabemos que aquelle sapientissimo conselheiro José Fortes trabalha n'esse monumento da nossa historia local;—quando lhe fui participar, á cama, uma bella manhã, que appareceu um collar d'ouro, n'uma bouça da Estélla, cil-o que procura adquiril-o, e, d'ahi, a publicação d'um opusculo interessante, «*Ouros protohistoricos da Estélla*», pelo sr. conselheiro José Fortes;—encarregou, depois, o sr. Fonseca Cardoso de proceder aos estudos anthropologicos da raça piscatoria, publicando-se a scientifica monographia «*O Poveiro*»;—sa-

bendo que a igreja de S. Pedro de Rates estava a pedir um misericordioso reparo, conseguiu um subsidio e encarregou o sr. dr. Manoel Monteiro, de Braga, de escrever a historia d'aquelle templo, e, por tal fórma o erudito commissionado se desempenhou do encargo, que ninguem terá o direito de escrever sobre archeologia romana em toda a península hispanica, sem primeiro consultar a monographia «*S. Pedro de Rates*»;—finalmente, sabendo Rocha Peixoto quanto tenho trabalhado em recolher materiaes de *Folk-Lore*, pediu, instou e conseguiu que eu coordenasse methodicamente o «*Folk-Lore Varzino*» de cuja publicação elle se empenhava para ficar completa a historia muda e fallada dos habitantes d'este concelho que elle amava, que elle estimava, que elle adorava, como claramente demonstrou, com documentos authenticos, que a Povoia de Varzim é o berço de Eça de Queiroz, e na remodelação dos Paços do Concelho, onde a vereação teve o bom senso de o ouvir, escutar e seguir as suas indicações, sobre azulejos, sobre ornamentações e decorações, commettidas a um professor allemão que alli tem deixado o fructo do seu talento, de fórma a dizer-se, em toda a parte, que o edificio da Camara Municipal da Povoia de Varzim é o primeiro da provincia.

E n'esta altura, quando elle vivia para a gloria e tudo lhe sorria felicidade,—veio a morte ceifar-lhe a existencia, lançando a consternação, a dôr e o lucto, no seio da sua familia e da sua terra natal. E elle, que viu a algidez do sepulchro, e comprehendeu que tudo se cifrava no Nada, pediu, generoso e bom, que o sepultassem n'uma campa razea, legando á Povoia alguns moveis, faianças e livros do seu gabinete !

O seu cadaver foi conduzido de Mattozinhos para Agramonte, pela mentalidade em evidencia na cidade do Porto, onde o senado varzinense, interpretando o sentir unanime dos municipes, reclamou as cinzas do sabio tão querido nas Academias estrangeiras, transportando-as para esta villa, onde teve honras e demonstrações sentidas como até alli se não tinham dado.

Por todos estes motivos temos um fundo sentimento de veneração e respeito ao saber que as suas cinzas descansam n'esta

terra, e que assim como elle trabalhou por nos engrandecer, tambem os povoes lhe hãode cobrir eternamente as cinzas de flôres, brancas e perfumadas, de saudade infinda, contínua e perpetua como foi doce e adoravel a sua alma de sonhador, como foi grande e poderosa a luz que irradiava no seu cerebro de gigante.

Povo de Varzim.

Candido Landolt.

—Antonio Augusto da Rocha Peixoto nasceu a 18 de Maio de 1866, na casa n.º 58 da rua da Silveira, d'esta villa, à qual a camara deu o nome de «Rua Rocha Peixoto». E falleceu em Mattozinhos no dia 2 de Maio de 1909. O seu cadaver, á data de se publicar este escripto, está no jazigo do sr. Antonio Graça, esperando que lhe destinem a «campa raza» que elle pediu, e onde, por subscrição publica, lhe será posta uma tocante saudade por um professor d'Arte.

L.

O Santo André

O Santo André, venerado na sua capelinha branca perdida no areal deserto d'entre Abremar e Aguçadoira, é um dos marcos miliarios do calendario religioso do nosso pescador.

E' por isso que no dia assignalado da sua festa, ao entardecer, acorrem ahi ranchos e ranchos de pescadeiras a cumprirem as promessas que em duras horas de angustia formularam, e agora satisfazem com um fervor ingenuo e crente.

E bem humildes e simples ellas são, de feito, em um anno tão escasso, depauperado, com uma safra minguada, a braços com uma crise medonha!

E no emtanto, surge ahi o azeite nas alampadas, a cera nos ex-votos, e parcas mealhas monetarias no prato das esmolos, a simples offerenda do ilota, a singela oblata da infima molecula humana, rendida á divindade...

Finda a romaria, eil-as de volta, sem descancar, abalando afadigadas para os seus tugurios, onde as espera—sabe Deus! —a parca refeição da ceia, a costumada burla digestiva.

Como complemento obrigado d'essa romaria a Santo André, lá vem ellas, já no lusco-fusco, pela areia fóra, soltando o conhecido côro, tão antigo, quasi immemorial:

Salvae as almas,
O' Pastor eterno,
D'aquelle logar
Junto ao inferno.

Aos magotes, aqui e além, agora um, logo outro, com as suas roupas onde o escuro é exclusivo, descalças, açodadas, leva uma d'ellas uma luz accesa ou uma lanterna, e uma outra entôa o cantico,

agudo, penetrante, dolorido, a que o côro, com a sua pronuncia peculiar, com as suas vozes grossas, másculas, n'uma toada plangente, responde:

Salvae as almas...

Este côro, que não parece cantado mas sim gritado, faz-nos lembrar toda essa odysseia inaudita, que tal é a vida maritima do nosso pescador.

Ao ouvirmol-o, repercute-nos na alma a vibração tympanica recebida, como se fôra um echo tragico de remotas hecatombes.

Aquelles cantos são gritos lancinantes d'um peito amolgado por todas as dôres; são ais doloridos d'um coração trespassado por todos os golpes; são preces unguidas d'uma fé simples, eivadas de esperança, atiradas como um supremo appello para o infinito, n'um desespero que só dá o canção de soffrer.

E' a barcarola do soffrimento, a melopeia da esperança, o hymnario da crença atavica e rude...

E o mar, laborando lentamente a desintegração atomica da sua radio-actividade, simula apenas diluir então as derradeiras tintas do poente que morre.

Os bandos, entretanto, vão-se sumindo, imersos nas primeiras sombras da noite, que começam a baixar, tornando-se quasi imperceptiveis já.

E com as ultimas luzes do crepusculo vespertino, desaparece tambem ao longe, na ultima ondulação sonora, a revoada triste e dolente do repetido estribilho:

Salvae as almas...

B. Pereira.